

CANÇÕES DE AMOR E DE DAN D I S MO

PIERRE LOUYS, êsse heleno nostálgico, que a vida castigou, fazendo-o vir ao mundo p'r'além do século de subtil exegese e de pépluns iriantes, em que ele devia ter nascido, — Pierre Louys conta na sumptuosa tapeçaria, duma ática lhama verbal, que é a sua *Vida de Bilitis*, êste episódio lindíssimo:

No dia das festas de Eleusis, Phryneia, cortesã de Chypre, aparece na praia, potencial máximo da Carne orgulhosa, reptando o destino e vencendo-o momentaneamente. Congraçadas as almas, numa confusa solidariedade panteísta, derivada da feitiçaria azul da água múrmura e da fina irradiação de opala fluida, do céu, — vinte mil pessoas, vindas de tôdas as regiões da Grécia, assistem, maravilhadas. . . E ante a subjugação encantada de quarenta mil pupilas fixas, Phryneia vai retirando, com um ritual magestático, cheio de solenes vagares, as suas vestes, — 'té que entra, nua e esplendente! na água espásmica. . . Ora, Praxiteles e Apeles estavam lá, entre essa multidão electrizada duma cálida ebriedade colectiva, e o primeiro desenhou, com os olhos extáticos a impregnarem-se da respirante estátua auroral, a sua *Afrodite de Cnido*, e o segundo entreviu as formas grácilmente divinas, com detalhes de galbo, duma tenuidade de espuma, da sua *Anadyomène*. . .

O autor do *Roi Pausole* comenta depois, com uma bonomia tauxiada de amargor: «Povo admirável, a que a Beleza nua podia aparecer sem excitar o riso nem a *fausse honte*!»

Neste cotovelo pícaro de península, com seis milhões de balofos, contaminados da tabes psíquica; nesta pátria ocasional dos pores-de-sol musgando melancolias, em que ser de poucas letras é para uns certos a justificação da sua *supremacia de estetas*, — uma fascinação, assim em unísono, ante a Beleza nua, eh, não seria possível! . . .

O português, por uma espécie de obesa fatalidade milenária, transige, quasi sempre, em que se seja *impudico*, sim, mas sob capa!

Marcel Proust e André Gide têm *ainda* admiradores para cá da meta enjoativa de Vilar Formoso, porque nunca ninguém cruzou com eles no *Chiado*, ou da sua mesinha insulsa da *Brasileira*, entre um tac-tac de coisitas opiniosas, lhes entreviu jámais as silhuetas marcadas altivolamente de estranheza, avançando num nimbo de desdem e cansaços teogónicos. . . Wilde e Paul Verlaine povoariam com o mesmo pé de presença, de outros autores menos ortodoxos, as estantes neutras dos bibliófilos, se na biografia das suas

sensibilidades, a par do ensoalamento sortilégio e da mediterrânea transparência, não tivessem *também* (oh, abominação!) Lucien Létynois e Lord Alfred. . .

O poeta das *Aves dum Parque Real* e do *Dandismo* mantém, neste heteróclito bazar de arremêdos por série, sem linha nitida de carácter, nem *história íntima*, todos em superfície, — que é a suma da moderna «geração» sensível, apostada em transformar o Parnaso num Eldorado de mexericos e marchando para a notoriedade como aquele rei fralduno, em que fala o consabido conto de Andersen, — o poeta das *Aves dum Parque Real* mantém a elegância de não descontinuar o *lei-motivo* especialíssimo, o *quand même* armoriado de airocidade, em que a sua estesia de raro se compraz, e a que tantos charivaris de energúmenos têm procurado, em vão, colar o ápodo de destempêro malsoante. . .

A sua poesia tem um fresco sabor de romanceiro, de que ele fôsse o terníssimo e extasiado organizador.

As suas estrofes dançam com um ritmo lunar de *fête galante*, adoecido de tôda a febrilidade outonal dos fundos d'árvores, de Watteau. Um calafrio de *mors-amor* corre, por vezes, a epiderme ambar-e-sêda de certas das suas rimas, e o ousado dos conceitos, entre o quebradiço convalescente das cesuras, transmuta-se, rápido, de cartão *narkois* de desafio, em profissão de fé, rezada fervorosamente ao ouvido de tudo o que é triste e desgraçado no mundo: cinzentos magoadísimos de tardinha; prantos sem remédio, da chuva que cai, prostrada, nas vidraças; clamores da Noite, a que ninguém vale; o irremediável pungente de já não se ser novo. . . — profissão de fé, rezada por um Infante de uma outra Época, a procurar, entre os que o não podem compreender, um resquício sequer, um éco, a sombra de pégada que já mal se diferencia na areia, — *d'aquela vida* que viveu. . .

Francisco Carrelhas, que eu tenho de evocar muitas vezes, pela mesma razão que Barbey dizia o levava a falar, volta meia volta, de Sheridan: *parce qu'on le trouve sans cesse au bout de toutes les supériorités*, — Francisco Carrelhas, falando-me do meu poeta, dizia-me uma tarde, com oíros nostálgicos fantasmagorizando uma paisagem banal de rio: — o António Botto pertence ao número daqueles que mesmo sendo mendigos e malamanhados numa vestimenta sem talho, dariam sempre a impressão de trazerem calçadas umas luvas impécáveis. . .

Por isso a sua Arte havia de ter, necessariamente, o timbre de raça que a distingue. . .

(CONCLUI NA PAGINA 15)

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 9)

Um scéptico, meu conhecido, tem para si como um axioma, que a vantagem de haver «gente fina» é, se passamos por ela, cheirar bem.

Dos versos de Botto só os contumazes e os práticos, os que fazem do Sonho o trampolim dos seus alcandoramentos de oportunos, não saberão extrair essa filosofia de triplessência.

... Filosofia de boa linhagem, que, *quando mal nos precatamos, nos surpreende*, reçumando um triste e acidulado estrelecer de comoção:

Anda um ai na minha vida
Que me lembra a cada passo
A distância que separa
O que eu digo do que eu faço.

Anda um ai na minha vida
Como lágrima que passa,
Que passa, — mas que não finda...

O que é que a fonte murmura?
O que é que a fonte dirá?
— Ai, amor, se houver ventura,
Não me digas onde está...

Meu amor na despedida
Nem uma fala me deu;
Deitou os olhos ao chão
Ficou a chorar mais eu.
Demos a mão na certeza
De que as davamos amando;
Mas, ai!, aquela tristeza
Que há sempre neste «Até quando?»...

CARLOS PARREIRA.